

# Dicionário de Estrangeirismos Métodos de Adaptação em Português Europeu

*Maarten Janssen*

*Sílvia Barbosa*

Instituto de Linguística Teórica e Computacional

## 0. Introdução

Com esta comunicação propomo-nos analisar os métodos utilizados na adaptação dos estrangeirismos na língua portuguesa. Em particular, iremos comparar as estratégias de adaptação fonética segmental que são realizadas para os estrangeirismos de origem inglesa e francesa para o português europeu. Esta análise tem por base as transcrições fonéticas recolhidas em dicionários para os estrangeirismos, que se encontram no recém-criado *Dicionário de Estrangeirismos*.

No português europeu (doravante PE), ao contrário do que se tem verificado em línguas como o holandês e o inglês, os estrangeirismos têm sido adaptados a diferentes níveis, nomeadamente ao nível da ortografia e da pronúncia, como podemos observar em palavras como líder (*leader*), futebol (*football*) e acordeão (*acordeon*). Recentemente, porém, parece existir alguma relutância por parte dos falantes em adaptar a grafia das palavras estrangeiras, quer seja por influência da globalização, quer seja pelo crescente conhecimento que cada falante possui sobre as línguas estrangeiras. O novo dicionário funciona como repositório em que os falantes observam os estrangeirismos, assim como o seu aportuguesamento (usado e/ou proposto nos dicionários de língua portuguesa).

O *Dicionário de Estrangeirismos* fornece, para todas as entradas, a transcrição fonética obtida nos principais dicionários portugueses, a par da que é apresentada em dicionários de língua de origem (no entanto, esta informação não está disponível, nesta fase, para consulta do grande público). Esta informação recolhida permite-nos apresentar neste artigo uma análise das várias transcrições para a mesma palavra.

Mostraremos que diferenças significativas existem nas estratégias de adaptação utilizadas nas duas línguas com mais estrangeirismos registados – inglês e francês. Antes de avançarmos para a análise dos dados, faremos uma apresentação detalhada da disposição e conteúdo do *corpus*.

## 1. Disposição do *Corpus*

### 1.1 MorDebe

A *MorDebe* é uma base de dados lexical que contém todas as palavras presentes nos dicionários DLPC (Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea) e GDPL (Grande Dicionário da Língua Portuguesa), uma selecção de palavras do dicionário Houaiss (versão Português Europeu) e também um número reduzido de palavras que ocorreram

com frequência nos jornais *Público* e *Diário de Notícias*. Neste momento, as palavras não-dicionarizadas representam apenas 1% da base de dados. Deste modo, a *MorDebe* pode ser vista globalmente, como um repositório de palavras dicionarizadas do PE.

A *MorDebe*, desenvolvida pelo ILTEC, contém actualmente mais de 132 000 lemas, para os quais se fornece não só as formas de citação, mas também um conjunto de informação formal para todos os lemas, como sejam os paradigmas flexionais, algumas relações derivacionais, a silabificação, e, num futuro próximo, a transcrição fonética. A *MorDebe* tem livre acesso através do *Portal da Língua Portuguesa* (<http://www.portaldalinguaportuguesa.org/>), onde é possível realizar diferentes métodos de pesquisa, consoante o que se pretenda extrair da base de dados.

## 1.2 Selecção dos estrangeirismos

O *Dicionário de Estrangeirismos* (doravante DE) contém todos os estrangeirismos não-adaptados presentes na *MorDebe*, isto é, todos os estrangeirismos registados nos dicionários DLPC e GDPL, assim como alguns utilizados com alguma frequência nos meios de comunicação portugueses. A selecção foi feita tendo por base a violação das regras da ortografia ou da relação grafia-pronúncia do português. Uma palavra é classificada como estrangeirismo se violar pelo menos uma das seguintes regras:

- (i) consoantes não pertencentes ao alfabeto básico do português (k, w, y);
- (ii) combinação entre diacrítico e grafema não existentes no PE (*calèche*);
- (iii) sequências consideradas grafemicamente não-naturais em português (*hippie, meeting*)

Existem ainda palavras que não violam as regras de ortografia, mas que possuem uma pronúncia que se desvia da esperada: por exemplo, a palavra *rouge* é pronunciada [ʁuz] com [u] e não como [row].

Devido a estas regras de selecção, não foram incluídas todas as palavras de origem estrangeira. Todos os estrangeirismos já adaptados tanto a nível fonético (como *baguete*) como a nível ortográfico (eg. *glide*, que já tem a pronúncia [glidɨ] dicionarizada) não se encontram no DE. Isto inclui também palavras para as quais nenhuma adaptação a qualquer dos níveis parece necessária, como acontece com *clone*, dado que é difícil confirmar ou refutar que a adaptação ao português é já total.

Por outro lado, nem todas as palavras que violam as regras acima foram incluídas. Entre as principais palavras excluídas contam-se aquelas provenientes de línguas mortas como *habitat* (do latim), palavras tiradas das línguas autóctones de países da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP), como *mbwane* (do ronga), e palavras compostas e derivadas a partir de estrangeirismos, como *disco-jockey* e *windsurfista*.

A selecção dos estrangeirismos dicionarizados não-adaptados das línguas vivas fornece um conjunto de palavras homogéneo: são palavras suficientemente incorporadas no léxico do português para estarem dicionarizadas, mas que, em simultâneo, são recentes (ou apresentam marcas estrangeiras fortes) o bastante para que haja manutenção da forma gráfica original.

### 1.2.1 Aportuguesamento e língua de origem

O DE contém não apenas a listagem de todos os estrangeirismos presentes na *MorDebe*, mas também o seu aportuguesamento, o seu equivalente em português e a língua de origem, informação consultada, exclusivamente, nos dicionários DPLC e GDPL. O DE está incorporado na *Portal da Língua Portuguesa*, onde é possível listar ou pesquisar toda esta informação.

A escolha para o registo das formas dicionarizadas implica que o dicionário contém não só aportuguesamentos já totalmente consensuais na grafia do português, mas também os aportuguesamentos propostos no DPLC como *mítigue* para *meeting*, incluindo formas controversas como *croissã* para *croissant*. O DE pretende apenas dar conta do registo que os dicionários gerais de língua fazem destas formas e não pode, portanto, ser entendido como uma proposta de criação de neologismos planificada. Tomámos a opção de não propor um aportuguesamento ou um equivalente para cada estrangeirismo que não o tem, listando antes as formas constantes dos dicionários que tomámos por referência ou frequentes nos meios de comunicação social.

### 1.3 Transcrição Fonética

A base de dados de transcrições fonéticas do DE engloba:

- (i) as 1130 transcrições fonéticas (de acordo com os critérios de cada dicionário) registadas nos dicionários DLPC e GDLP;
- (ii) as 724 transcrições fonéticas de acordo com um dicionário monolíngue de língua de origem para as línguas com maior representatividade: Inglês – Longman Dictionary of Contemporary English (LDOCE); Francês – Le Nouveau Petit Robert (Robert); Italiano – Il Nuovo Zingarelli: vocabolario della língua italiana;
- (iii) as 342 transcrições fonéticas para as formas aportuguesadas de todos os estrangeirismos no DE.

No total foram incorporadas 2196 transcrições fonéticas.

Devido ao facto de assentarmos a nossa pesquisa apenas em dados registados nos dicionários que seleccionámos, para algumas palavras não foi possível recolher a sua transcrição fonética, por diversos motivos: (i) nem todas as palavras estão associadas a uma transcrição fonética nos dicionários portugueses; (ii) o mesmo sucede com algumas palavras registadas nos dicionários de língua, que não apresentam a transcrição; (iii) nem todos os estrangeirismos encontrados em dicionários do português são incluídos como entradas nos dicionários de língua de origem, nomeadamente, as palavras compostas e derivadas (como *canyonning*, *water-closet*).

Visto que, se utilizaram dois dicionários portugueses para as transcrições foi necessário uniformizar os critérios utilizados pelos mesmos, quer seja em relação à diferente localização do acento, assim como, na assistemática dos símbolos utilizados. Por ainda não terem sido verificadas uma segunda vez quanto à homogeneidade, as transcrições fonéticas não se encontram ainda em linha.

## 1.4 Corpus

O *corpus* de estrangeirismos tem no total 1130 palavras, às quais foram associadas 2196 transcrições fonéticas - 1130 recolhidas nos dicionários DLPC e GDLP, 724 nos dicionários da língua de origem e, por fim, 342 para as formas aportuguesadas também recolhidas nos DLPC e GDLP.

Relativamente à proveniência das palavras, contámos ao todo 17 línguas. O nosso estudo incidirá apenas sobre as duas línguas que registam maior percentagem: o inglês com 62% e o francês com 22.5%, números apresentados na tabela 1 abaixo.

Proveniência	palavras	%
Inglês	704	62
Francês	254	22.5
Italiano, Japonês, Alemão	89	8
Norueguês, hebraico, dinamarquês, maori, sânscrito, sueco, espanhol, neerlandês, chinês, árabe, russo, nórdico	41	4
Proveniência indeterminada	42	3.5

Tabela 1. Proveniência dos estrangeirismos

## 2. Descrição e Análise dos Dados

### 2.1 Método de comparação

A análise apresentada neste artigo assenta na comparação de duas transcrições fonéticas para a mesma palavra, o mesmo é dizer, uma transcrição encontrada no dicionário monolíngue de língua de origem e outra da mesma palavra com a mesma ortografia mas registada num dos dois dicionários de língua portuguesa. Por exemplo, para a palavra *meeting*, comparámos a transcrição registada no LDOCE ['mi:tɪŋ] com a transcrição ['mifiŋ] registada no DLPC.

Tendo em conta que cada um dos dicionários, quer os de língua de origem, quer os da língua portuguesa, espelha através da transcrição fonética a pronúncia ideal da palavra em questão, a comparação destas duas transcrições dá-nos uma perspectiva sobre o processo de adaptação envolvido nesta palavra.

A comparação das duas transcrições é feita segmento-a-segmeneto. Isto é, para cada segmento da transcrição da palavra no dicionário de língua de origem descrevemos o que ocorre no processo de adaptação desse segmento ao português. Para cada segmento há quatro processos possíveis, que correspondem às estratégias de adaptação propostas por Deroy (1956):

- i) Manutenção – o segmento da transcrição da língua de origem aparece na transcrição do português sem alterações: como o segmento [m] em *meeting* que é mantido em PE;
- ii) Substituição – o segmento da transcrição da língua de origem é elidido na transcrição em português, porque não existe tal segmento, mas é

- substituído por um segmento similar: o segmento [i:] em *meeting* é substituído por [i];
- iii) Elisão – o segmento da transcrição da língua de origem é elidido na transcrição em português: o segmento [h] em *hobby* não surge na transcrição do PE [ˈɔbi];
- iv) Inserção – um segmento que não existia na transcrição da língua de origem pode ser inserido na transcrição em português: o segmento [ʃ] em *maquis* [ma'kiʃ] não é produzido em francês;

Recolhemos para cada símbolo (nas transcrições de língua de origem) o segmento correspondente na forma adaptada em PE, dados que coligimos e de que apresentaremos estatísticas nesta apresentação. Também para cada segmento-alvo (nas transcrições da língua de origem) apresentamos os segmentos associados a si (na adaptação PE) com a contagem de cada segmento. Por exemplo, recolhemos o número total de ocorrências de vogal [o] em francês, tal como o número de casos em qual ele é mantido, o número de casos nos quais ele é elido, e as contagens dos segmentos de substituição.

Para as estratégias modificadoras (substituição, elisão e inserção) tentaremos também descrever a motivação para a mudança – incompatibilidade fonotáctica, influências ortográficas, paralelismo entre palavras, etc. E analisaremos o que sucede ao acento de palavra – se se mantém ou se deslocaliza.

Para uma análise mais sistemática dos processos de adaptação, optámos pela divisão da análise em três subgrupos para cada língua:

1. a adaptação de segmentos vocálicos;
2. a adaptação de segmentos consonânticos;
3. a (des)localização da posição acentual.

Devido a problemas inerentes à segmentação de constituintes, não foi incluída a análise de ditongos.

## 2.2 Estrangeirismos do Francês

### 2.2.1 Vogais

No que respeita aos segmentos vocálicos do francês, cerca de metade do inventário existe em PE. Para as vogais que existem em ambas as línguas não há priori motivo para a modificação. Contudo, o que se verifica é que um número significativo destas vogais é alvo de modificações, apresentando diferentes formas de adaptação, como se pode ver na tabela 2. Por exemplo, nas 65 ocorrências do segmento [e] – há manutenção na maioria dos casos (75% - 49 ocorrências); no entanto nos outros 16 casos observa-se uma substituição ou elisão: 9 casos em que o [e] é substituído por [ɛ] como em *régie*, 6 casos em que a vogal é reduzida para [ɨ] como em *mêlée*, e um caso em que o segmento é elidido (*féerie*).

N° total	FR.	contagem	PE	Exemplo	Francês	Português
130	a	117 – 90%	a			
		11 – 8%	ɐ	<i>accordéon</i>	[akɔrdɛõ]	[ɛkɔrdɛ'õ]
65	e	49 – 75%	e			
		9 – 13%	ɛ	<i>régie</i>	[ʁɛʒi]	[ʁɛ'ʒi]
		6 – 9%	i	<i>mêlée</i>	[mɛle]	[mi'le]
		1 – 1%	-	<i>feèrie</i>	[fɛ(e)ʁi]	[fɛ'ʁi]
65	ɛ	58 – 90%	ɛ			
		5 – 8%	e	<i>ballet</i>	[balɛ]	[bal'e]
		1 – 1%	ɐ	<i>réveillon</i>	[ʁevɛjõ]	[ʁevɛj'õ]
		2 – 3%	ẽ	<i>soutien</i>	[sutjɛ]	[su'tjẽ]
26	o	22 – 85%	o			
		4 – 15%	ɔ	<i>entrecôte</i>	[ɑ̃trɛkɔt]	[ɛ̃tri'kɔti]
38	ɔ	36 – 95%	ɔ			
		1 – 3%	u	<i>robot</i>	[ʁɔbɔ]	[ʁu'bo]
		1 – 3%	o	<i>cloisonnée</i>	[klwazɔne]	[klwazo'ne]

Tabela 2. Adaptação das vogais existentes em francês e em português

Para as outras vogais, constantes na tabela, o segmento é mantido em, respectivamente, 90% dos casos para o [a], 89% para o [ɛ], 85% para o [o] e 95% para o [ɔ]. De todo o inventário apenas os segmentos [i] e [u], com 63 e 44 ocorrências, respectivamente, não apresentam qualquer modificação no nosso *corpus* e mantêm-se na totalidade dos casos, como de resto seria de esperar para vogais que existem nos inventários fonéticos de ambas as línguas.

Como se pode verificar na tabela 2, em muitos casos as adaptações que ocorrem apenas uma ou duas vezes são associadas a palavras problemáticas, quer por terem uma língua de origem dúbia, quer por causa da transcrição.

Para as vogais apenas existentes no inventário do francês (que são [ɑ, ɥ, œ, ø, y, ə]) existe a necessidade *a priori* de adaptação ao sistema português. Só em casos excepcionais se mantém uma vogal não-adaptada, como o [y] em *surmenáge*. Em geral, existe um substituto regular para cada segmento: [a] para [ɑ], [w] para [ɥ], [ɛ] para [œ], [ɛ] para [ø], [y] para [y] e [i] para [ə]. Só [y, ə] apresentam uma alternativa de substituição, embora num número reduzido de casos. Também para as vogais nasais do francês, nenhuma das quais existente em português, a forma de adaptação é muito regular, sendo que o segmento é modificado para a vogal nasal do português que lhe corresponde (excepto em casos como, *entourage* que em francês é [ɑ̃tuʁɑ̃ʒ] e no português apresenta a forma [ɛ̃tu'ʁaʒi]).

### 2.2.2 Consoantes

No que diz respeito às consoantes do francês, [p, t, k, b, d, g, m, n, f, s, v, z, ʒ, r], todas existem em português. Neste caso, a adaptação é muito pouco frequente: o processo que se aplica por regra é a manutenção. Verificam-se apenas três segmentos que apresentam algum tipo de modificação, sendo esta devida a razões contextuais: o [l] em posição final de palavra passa para [ɫ], em 2 casos; [s] é substituído por [ʃ] em final de sílaba e o [ʀ] é adaptado para o [r] excepto em contexto de início de sílaba.

### 2.2.3 Acento

Analisar a deslocação ou manutenção do acento do francês é complicado, dado que o francês é considerado por vários autores (entre eles Grammont, 1963) como sendo apenas detentor de acento prosódico e não de acento de palavra. Para além disso – e talvez precisamente por isso – os dicionários de francês não apresentam qualquer indicação acentual. No entanto, como proposto por Garde (1968), o francês pode ser considerado uma língua de acento fixo, o que quer dizer que "All [French] words have final stress" Post (2000). É este acento (quer prosódico, quer de palavra, dependendo da teoria) no final de palavra que se tem em conta na nossa análise.

Posto isto, todos os estrangeirismos do francês mantêm o acento na localização original. O único caso de possível excepção é *maquillage* que em português é transcrita como sendo acentuada numa sílaba diferente do francês: [mã'kiãzi]. Tal não significa que todas as palavras francesas sejam graves, dado que se adiciona, em muitos casos, uma vogal final que modifica a estrutura silábica original (por exemplo, CVC torna-se CVCV – introdução de uma vogal [i]).

## 2.3 Estrangeirismos do Inglês

### 2.3.1 Vogais

O inventário das vogais do inglês é bastante diferente do português. As únicas três vogais que existem em ambas as línguas são o [u, i, ε] - o único segmento que é sempre mantido é o [u], o [i] é mantido em 93% dos casos, e o [ε] é em 80% dos casos.

Na análise das vogais não existentes no português optámos por dividi-las em dois grandes grupos: as vogais breves e as vogais longas. A distribuição de adaptação para as vogais curtas é apresentada na tabela 3. A adaptação do [ʊ] e de [ɒ] é bastante regular, com adaptação para o mesmo segmento em 100% e 95% dos casos, respectivamente. No entanto, a adaptação de [æ] é bastante assistemática, sendo que existem quatro adaptações possíveis que são concretizadas de forma relativamente balanceada. Também para as outras vogais deste grupo existe variação significativa na adaptação -para o português. Isto quer dizer que, para a adaptação das vogais nativas do inglês não há (ainda) o mesmo nível de regularidade que existe para o francês.

Nº	Ing.	contagem	PE	Exemplo	Inglês	Português
13	ʊ	11	u	<i>input</i>	[ˈɪnpʊt]	[ˈinˈput]
2	ɑ	1	a	<i>aftershave</i>	[ˈɑftəˈʃeɪv]	[ˈaftəʃeiv]
		1	ɔ	<i>sitcom</i>	[ˈsɪtkɑm]	[sɪtˈkɔm]
69	ɒ	66	ɔ	<i>boss</i>	[bɒs]	[ˈbɔs]
		2	õ	<i>sponsor</i>	[ˈspɒnsə]	[ˈspõsor]
		1	a	<i>yacht</i>	[jɔt]	[ˈjat]
37	ʌ	18	e	<i>bluff</i>	[blʌf]	[ˈblef]
		12	ẽ	<i>funk</i>	[fʌŋk]	[ˈfẽk]
		3	u	<i>bus</i>	[ˈbʌs]	[ˈbu]
		1	ũ	<i>shantung</i>	[ʃæntʌŋ]	[ʃẽˈtũg]
64	æ	19	a	<i>smash</i>	[smæʃ]	[ˈsmɑ]
		16	ɛ	<i>pack</i>	[pæk]	[ˈpek]
		14	e	<i>gang</i>	[gæŋ]	[ˈgẽg]
		12	ẽ	<i>ranking</i>	[ˈræŋkɪŋ]	[ˈrẽkɪg]
123	ɪ	67	i	<i>bridge</i>	[brɪdʒ]	[ˈbrɪdʒi]
		38	ĩ	<i>flint</i>	[flɪnt]	[ˈfɪit]
		6	e	<i>budget</i>	[ˈbʌdʒɪt]	[ˈbedʒet]
		4	ı	<i>marketing</i>	[ˈmɑ:kɪtɪŋ]	[ˈmarkɪfɪg]
		1	-	<i>establishment</i>	[ɪˈstæblɪʃmənt]	[(i)ʃˈtablɪʃmẽt]

Tabela 3. Adaptação das vogais do inglês ao português

Relativamente, ao grupo das vogais longas, visto que tal propriedade não se verifica no PE, as adaptações encontradas, regra geral são sempre as variantes curtas dessas mesmas vogais, por exemplo [i:] para [i], com poucas exceções. Apenas para os casos [ɑ:,ɜ:] apresentam variação de realização, visto que a variante das mesmas não existe no inventário português, como se pode ver na tabela 4.

Nº total	Ing.	contagem	PE	Exemplo	Inglês	Português
26	ɑ:	20	a	<i>bar</i>	[bɑ:ˈ]	[ˈbar]
		3	ɔ	<i>cocker</i>	[kɒkə]	[ˈkɔkɛr]
		1	ɛ	<i>derby</i>	[ˈdɑ:bi]	[ˈdɛrbi]
		3	ẽ	<i>sample</i>	[ˈsɑ:mpəl]	[ˈsẽpet]
32	i:	29	i	<i>briefing</i>	[ˈbri:fiŋ]	[ˈbrɪfɪg]
		2	ɛ	<i>yield</i>	[ji:lɪd]	[ˈjɛˈtɪd]
		1	e	<i>vegan</i>	[ˈvi:gən]	[ˈvegen]
19	u:	17	u	<i>blues</i>	[blu:z]	[ˈbluz]
		1	ũ	<i>cartoon</i>	[kɑ:ˈtu:n]	[kaˈtũn]
10	ɜ:	6	e	<i>flirt</i>	[flɜ:t]	[ˈflert]
		3	o	<i>workshop</i>	[ˈwɜ:kʃɒp]	[ˈwɔrkʃɔp]
1	a:	1	a	<i>yarde</i>	[jɑ:d]	[ˈjard]
27	ɔ:	27	ɔ	<i>shorts</i>	[ʃɔ:ts]	[ˈʃɔrt]

Tabela 4. Adaptação das vogais longas do inglês ao português

### 2.3.2 Consoantes

No que diz respeito às consoantes, temos um grupo que apresenta manutenção do segmento ([p, k, b, g, f, j, v, ʒ]); um segundo grupo ([t, d, n, m]) que apresenta manutenção na maioria dos casos, mas também alguns exemplos de elisão do segmento; um terceiro grupo também existente em ambos os sistemas, mas em que os segmentos apresentam realizações diferentes (é o caso de [s, z, l, r]); um outro grupo que podemos referir diz respeito a segmentos que não existem no sistema português e que como tal sofrem um de dois processos possíveis: ou são elididos, como [h, η], ou são substituídos por um segmento mais próximo, como [ø] para [t] e [ʀ] para [r].

### 2.3.3 Acento

Em estrangeirismos provenientes da língua inglesa é complexa a análise da localização do acento de palavra. Vejamos, para a totalidade dos estrangeirismos, 35% eram palavras monossilábicas e por motivos óbvios assiste-se à manutenção do local de acento em PE. Para as palavras polissilábicas há duas possibilidades: 67% mantém a localização original do acento e em 33% observa-se modificação da posição acentual.

A posição do acento nos estrangeirismos parece obedecer mais às regras de colocação do acento em português do que à influência da posição do acento que o estrangeirismo terá na sua língua de origem. No entanto, a posição do acento que existia na língua de origem não deixa de ser relevante, resultando num conjunto de casos que padecem de explicação clara à luz das regras do português. Por exemplo, palavras como *trolleybus*, *brainstorming*, *bulldozer* e *gentleman* são consideradas exdrúxulas.

Outras palavras como *knockout* ou *layout* possuem uma construção muito semelhante a vários níveis, mas apresentam posições acentuais divergentes. É ainda de interesse acrescentar que, para casos como *replay* (que, em inglês, tratando-se de nome deverbal, recebem acento inicial, ao passo que quando são verbos recebem acento final), o que se observa em português é uma aparente insensibilidade a este tipo de acento dependente de outros factores.

## 2.4 Comparação entre francês e inglês

Comparando as estratégias de adaptação para o francês (2.2) e o inglês (2.3), verificamos que as estratégias de adaptação das consoantes e as vogais que existem em ambas as línguas são muito comparáveis. No entanto, para vogais diferentes, tal como para a adaptação do acento, existem diferenças significativas.

No que se refere ao acento, há nos estrangeirismos franceses uma maior similaridade na pronúncia e sistematização da localização do acento do que nos estrangeirismos do inglês, em que verificamos uma mudança frequente da localização do acento. Esta deslocação é muitas vezes, mas não sempre, para a posição regular do acento em português.

No que respeita às vogais que não constam do elenco do português, no caso do francês a adaptação é basicamente regular e previsível. Mas no caso do inglês há muita heterogeneidade nas adaptações utilizadas. Parte da variação na adaptação é devida precisamente à deslocalização do acento, a estratégia mais frequente para o inglês.

## 2.5 Adaptações Ortográficas

No DE, colocámos, a par da forma da palavra na língua original, também a forma aportuguesada. Estas formas aportuguesadas que listámos pretendem ser a adaptação da palavra para a ortografia portuguesa de acordo com as regras em vigor. Supostamente, a transcrição fonética da palavra original já apresenta uma adaptação de pronúncia, como indicado na parte anterior desta secção. Assim, seria de esperar que a transcrição da forma original e da forma adaptada fossem idênticas. Em muitos casos isso é de facto o que sucede, como no seguinte exemplo: a palavra *lobby* é pronunciada na língua original como [ˈlɒbi] mas é registada nos dicionários portugueses como [ˈlɔbi], forma já adaptada ao sistema fonotático português. O aportuguesamento regular para esta forma, ainda que a necessidade da sua existência em português possa ser questionável, é *lóbi*, o que corresponde ao aportuguesamento incorporado no DPLC, com a mesma transcrição fonética.

Das 322 aportuguesamentos dicionarizados que incorporámos no DE, 42% das ocorrências apresentam uma total correspondência entre a transcrição fonética para a forma não-adaptada do empréstimo e para o seu aportuguesamento. No entanto, para os outros casos (187, 58% dos aportuguesamentos) existem diferenças entre as transcrições destas duas formas, como pode ser observado na tabela 5.

Fenómeno	Nº	original	AFI	aportuguesamento	AFI
Sem alterações	135	<i>hara-kiri</i>	[araˈkiri]	<i>haraquíri</i>	[araˈkiri]
Inserção de [i]	55	<i>snob</i>	[ˈsnɔb]	<i>snobe</i>	[ˈsnɔbi]
Alteração AFI	75	<i>sheik</i>	[ˈʃeɪk]	<i>xegue</i>	[ˈʃɛki]
Alteração Morfológica	57	<i>bricolage</i>	[brikoˈlazɪ]	<i>bricolagem</i>	[brikoˈlazɛ]

Tabela 5. Fenómenos ocorridos nas formas adaptadas

As modificações podem ser divididas em três grandes grupos. Para cerca de 30% das palavras aportuguesadas existe uma modificação ‘marginal’, nos quais apenas se verifica a introdução de [i], como na palavra *snobe*. Esta introdução é mínima, no sentido de que a articulação do [i] é muitas vezes opcional e não sentida em registo espontâneo, e tem mais a ver com questões de silabificação (Freitas, 2006).

Nos restantes 30% dos casos, o aportuguesamento não reflecte somente uma modificação ortográfica, mas sim adaptações morfológicas para o sistema do português, como em *bricolagem*. Estas formas podem não ser consideradas aportuguesamentos.

Por fim, em 75 situações há uma diferença articulatória entre o aportuguesamento e a forma original. Por exemplo, o aportuguesamento de *xegue* é entendido como a escrita portuguesa da palavra *sheik*, mas a pronúncia das duas é divergente, de acordo com o registado nos dicionários. Estas 75 palavras não funcionam como aportuguesamentos por

si só, mas são classificadas como tal. Exemplos de aportuguesamentos híbridos são palavras como *ianque*, *loesse*, *icebergue* e *croissã*.

### 3. Conclusões

Como indicado neste artigo, o inglês e o francês são as línguas mais produtivas como língua original de empréstimos existentes no Português Europeu. Há entre as duas diferenças significativas nas estratégias de adaptação utilizadas. A adaptação das palavras do francês é muito regular, sendo a pronúncia do estrangeirismo muito previsível a partir da pronúncia dos segmentos individuais do original. Também o acento sofre raras mudanças. Para o inglês não existe um número idêntico de adaptações devido às maiores diferenças existentes entre as línguas, mas há muita variação na adaptação aplicada, e o acento é deslocado muitas vezes, mas não sempre para o mesmo lugar.

No que respeita aos aportuguesamentos, há muitas palavras registadas nos dicionários como tendo este estatuto, mas que na verdade não são meras variações ortográficas dos estrangeirismos não-adaptados, tendo uma pronúncia diferente. No futuro, reconsideraremos a incorporação destes aportuguesamentos no dicionário.

Os dados do novo Dicionário de Estrangeirismos apresentados neste artigo são necessariamente temporários: novas palavras são constantemente adicionadas à *MorDebe*, sendo principalmente recolhidas nos meios de comunicação, entre eles um número relativamente elevado de estrangeirismos, dado que o empréstimo é um dos métodos mais produtivos de neologismos.

É evidente que a análise das transcrições dicionarizadas não é o método ideal para o estudo de fenómenos fonéticos: a transcrição fonética dicionarizada não nem estreita nem larga, o dicionário não representa a variação entre os falantes e assume uma posição entre o normalizador e o descritivo, e, por vezes, as transcrições podem até conter galhas. Por isso, seria de todo onveniente realizar no futuro uma comparação com dados do discurso oral.

### Referências

- Freitas, Maria João. 2006. 'The vowel [i] in the acquisition of European Portuguese'.  
*Em: van Kampen & Baauw (org.) Proceedings of GALA 2003*. Utrecht: LOT.
- Grammont, Maurice. 1963. *Traite de phonétique*. Delagrave.
- Garde, Paul. 1968. *L'accent*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Post, Brechtje. 2000. *Tonal and Phrasal Structures in French Intonation*. The Hague: tese

### Dicionários

- DLPC. *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa*, Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa / Editorial Verbo, 2001.
- GDLP. *Grande Dicionário Língua Portuguesa*, 1ª ed., Porto: Porto Editora, 2004.
- LDOCE. *Longman Dictionary of Contemporary English, new edition*. Harlow: Longman, 1987.